CONCEPÇÕES DE GEOGRAFIA, ESPAÇO E TERRITÓRIO NOS ANAIS DO IV SEMINÁRIO ESTADUAL DE ESTUDOS TERRITORIAIS E II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES

Marcos Aurelio Saquet
Pâmela Cichoski
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Brasil)
saquetmarcos@hotmail.com
pamelacichoski_@hotmail.com

Resumo:
Nosso objetivo principal é compreender as diferentes concepções de geografia, espaço geográfico e território utilizadas pelos autores dos textos apresentados como comunicações livres no IV Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, visando compreender as tendências teórico-metodológicas atuais da geografia brasileira. Os procedimentos utilizados na pesquisa são: a) seleção dos textos dos Anais que foram analisados (51 de um total de 72 trabalhos apresentados e publicados); b) leitura e fichamento dos textos escolhidos; c) elaboração de um quadro síntese para cada texto lido e analisado; d) comparação e interpretação das informações extraídas de cada texto; e) identificação das categorias utilizadas, referências e concepções, reconstruindo *caminhos* percorridos pelos autores; f) identificação e análise das concepções de geografia, espaço e território; g) redação dos relatórios e textos para publicação. Estes procedimentos estão fundamentados numa abordagem espaço-temporal da construção do pensamento e do conhecimento geográfico, considerando-se os textos selecionados de autores de diferentes lugares do Brasil.

Palavras-chave: Geografia; espaço geográfico; território; concepções.

Eixo temático: Enfoques teórico-metodológicas de la Geografia - epistemologia.

Introdução

Este texto é um dos resultados das pesquisas que estamos fazendo vinculadas ao projeto intitulado *Sobre os conceitos de território e territorialidade: abordagens e concepções*, financiado pelo Cnpq, no qual o objetivo principal é compreender as diferentes abordagens e concepções dos conceitos de território e territorialidade a partir dos anos de 1970-80, especialmente na geografia brasileira, subsidiando a elaboração de uma

abordagem territorial que reconheça as articulações existentes entre as dimensões sociais do território (economia-política-cultura), a natureza exterior ao homem, o processo histórico e a multiescalaridade de processos territoriais. Para tanto, estamos fazendo pesquisa bibliográfica, participando de colóquios internos ao Grupo de Estudos Territoriais (Geterr), fichando e analisando os textos publicados em anais de eventos. Também estamos efetivando atividades conjuntas com outros pesquisadores de grupos congêneres, de atualização, cooperação e diálogos, bem como apresentando os resultados parciais em eventos científicos para socialização e debate.

Nesta oportunidade, apresentamos os resultados obtidos da leitura, do fichamento e das análises dos textos completos publicados nos anais do IV Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, ocorrido na Unioeste, Campus de Francisco Beltrão, entre os dias 27 e 30 de maio de 2009, com o seguinte tema principal: *Novos horizontes na geografia: perspectivas de território e de territorialidade.* O objetivo principal do evento foi estabelecer intercâmbios de cooperação acadêmica e científica com pesquisadores vinculados a grupos de estudos congêneres possibilitando para discentes, docentes, entidades de classe e demais interessados, um espaço de socialização e debates sobre os temas do evento e a construção de uma teoria social crítica.

Lemos, fichamos e analisamos 51 textos completos de um total de 72 publicados nos referidos anais (71% do total; publicados em CD-ROM). A escolha dos textos foi feita a partir dos principais conceitos utilizados pelos autores dos mesmos, evidentemente, selecionamos os que continham explicitamente informações sobre as opções teórico-metodológicas vinculadas aos conceitos de espaço geográfico e território.

Como orientação metodológica, partimos da idéia de Quaini (2003), ao afirmar que a história e a identidade são atributos tanto das pessoas como das disciplinas científicas e ganham seus contornos e significados quando estudados meticulosamente. No Brasil, são poucos os que se dedicam efetivamente, embora participando de grupos de estudos, departamentos, universidades e outras escolas, a estudar a história e a epistemologia da geografia, ciência feita por indivíduos que vivem em sociedade.

Há uma geografia ou geografias e geógrafos, sobre os quais aprendemos e ensinamos, mas pouco conhecemos. Isso, sem falar na geografia que fazemos e vivemos todos os dias. Como afirmara Dematteis (1985): quem pratica a geografia tem pouca clareza disso; quem acredita que a conhece, sabe muito pouco. Trata-se de construir o pensamento e a ciência com identidade, memória, reflexão e avaliação.

É fundamental, para que tenhamos mais elementos e clareza para avançar nas interpretações do *real*, que conheçamos detalhadamente as perspectivas teórico-metodológicas que construímos. Assim, selecionamos algumas obras de autores que consideram o conceito de território e as metodologias científicas e orientam a realização de nossa pesquisa: Claval (1974), Vagaggini e Dematteis (1976), Dematteis (1970, 1985 e 1995), Quaini (2003 e 2005), Haesbaert (2004), Moreira (2007) e Saquet (2004 e 2007).

São todos autores que analisaram as história e a epistemologia da geografia evidenciando os métodos utilizados e os principais conceitos, portanto, orientam a definição de procedimentos para estudos desta natureza, sobretudo sobre os conceitos de espaço geográfico e território, conforme mencionamos anteriormente.

As concepções de Geografia, espaço e território nos anais do IV Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades

A realização do II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades (II SNMT), juntamente com o IV Seminário Estadual de Estudos Territoriais, foi uma necessidade originada na amplitude e abrangência do debate acerca do território, atualmente, no Brasil. Este evento foi organizado pelo GETERR (Grupo de Estudos Territoriais), da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil), Campus Francisco Beltrão, motivado pelos profícuos resultados obtidos com a realização do primeiro, do segundo e do terceiro SEET, nos anos de 2003, 2005 e 2007, respectivamente, bem como do I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, em 2004, como explicamos a seguir.

Estes seminários tornaram-se espaços importantes para intercâmbios, socialização, debates e publicações dos resultados obtidos em pesquisas realizadas por professores e discentes de diversos grupos de estudos territoriais. Atualmente, ambos são eventos reconhecidos nacionalmente.

Entre 2003 e 2009, construímos intercâmbios técnico-científicos importantes, com professores e pesquisadores de universidades do Brasil e do exterior, tais como UNESP – Presidente Prudente (SP), UFRGS, USP, UFF, UEPG, FURG, UFSC, UFU, Universidade de Veneza, Universidade de Turim, entre outras. E é nesse contexto que decidimos ampliar o IV SEET, unindo-o ao Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades (SNMT), organizado na sua primeira edição em 2004, na ULBRA (Canoas/RS), por docentes com os quais temos trabalhado nos últimos anos. A realização em conjunto do II SNMT com o IV SEET foi uma experiência importante que visou estabelecer novas relações acadêmicas e reforçar as redes de cooperação e intercâmbios que efetivamos nos últimos anos.

Procuramos convidar e trazer para o IV SEET e II SNMT pesquisadores com trajetória de pesquisa em geografia e que são referências para os estudos centrados nos conceitos de território e territorialidade, amplamente divulgados no Brasil nos últimos 15 anos. Os professores palestrantes foram os seguintes: Claude Raffestin – Universidade de Genebra; Álvaro Heidrich – UFRGS; Eliseu Sposito – Unesp - Presidente Prudente; Rogério Haesbaert – UFF; Benhur Pinós da Costa – UFAM; Nécio Turra Neto – Unicentro.

É um debate relevante para a geografia e outras ciências sociais, pois é necessário socializar e discutir tanto as abordagens e concepções produzidas no meio acadêmico como as pesquisas que têm um caráter mais empírico. Essa é uma condição necessária para qualificar as pesquisas e mesmo as atividades de ensino.

Vale lembrar ainda que, durante os I, II e III SEETs, realizados com apoio financeiro da Fundação Araucária, debatemos algumas questões teórico-metodológicas da geografia; aspectos do processo de formação territorial do Sudoeste do Paraná - Brasil; agricultura familiar e agroecologia; perspectivas de desenvolvimento, entre outros temas. Além das cooperações acadêmicas já citadas, efetivamos parcerias importantes com órgãos governamentais e com

setores da sociedade civil organizada como a Secretaria de Desenvolvimento Territorial (Ministério de Desenvolvimento Agrário) e com a ASSESOAR (Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural).

Por fim, é importante evidenciar que a realização do II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades juntamente com o IV Seminário Estadual de Estudos Territoriais é uma iniciativa inovadora e em rede, envolvendo quatro grupos de estudos em parceria e intercâmbio. São eles: Grupo de Estudos Territoriais (GETERR-UNIOESTE), Grupo de Estudo do Espaço Social e suas Transformações e Implicações sobre a Territorialidade e a Gestão Territorial (UFRGS), Grupo de Estudo em Geografia da Amazônia: Ambiente e Cultura (UFAM) e Grupo de Estudo em Geografia: Cotidiano, Território, Paisagem, Ambiente e Educação na Cidade (ULBRA).

A realização do evento nesse formato justificou-se: i) pela necessidade de continuarmos nossas reflexões e pesquisas sobre as bases filosóficas da geografia, aprofundando a compreensão dos conceitos de território e territorialidade; ii) pela necessidade de ampliar espaços de diálogos entre pesquisadores de grupos de estudos congêneres; iii) pela necessidade de reforçar as redes de cooperação e intercâmbio já estabelecidas por membros do Geterr e de criar novas relações, contribuindo para a qualificação de professores e discentes; iv) pela necessidade de inserir a Unioeste em circuitos nacionais de intercâmbios e debates acadêmico-científicos.

Analisando os anais do evento, notamos o predomínio de princípios da Geografia crítica em todos os textos analisados, porém, com duas variações principais: a) uma centrada no materialismo histórico e dialético, normalmente relacionando-se os conceitos de espaço e território; b) outra, baseada na fenomenologia substantivando a chamada Geografia Cultural, com destaque ao conceito de espaço sem, muitas vezes, negligenciar o de território.

Um aspecto que chamou atenção, é o fato de 32% dos textos (16) estudados não conterem explicitamente informações sobre o conceito de espaço geográfico, o que reforça a noção que tínhamos sobre o fortalecimento da abordagem territorial, no Brasil, especialmente a partir dos anos 1993-94, conforme mencionamos em Saquet (2007). É por isso que o número total (34) de ocorrências da utilização explícita do conceito de espaço é menor do que a quantidade de utilizações do de território (42).

Sobre o conceito de espaço geográfico (quadro n. 1), há o predomínio bastante claro de duas concepções: a) entendido como resultante das relações de poder e das redes de circulação e comunicação vinculadas à globalização na contemporaneidade; b) como lugar de vida, apropriado e representado socialmente. Na primeira concepção, evidenciam-se os aspectos econômicos e geopolíticos e, na segunda, os processos culturais e identitários da vida cotidiana.

Quadro n. 1 - Concepções predominantes de espaço geográfico (número de ocorrências)

Como materialidade dos processos naturais e sociais (4)
Formado pelas formas da paisagem mais a vida que as anima, sistema complexo de objetos e ações (7)
Como resultado das relações de poder, pois estas se articulam formando as redes, a dinâmica da globalização, a descentralização e os territórios da modernização (10)
constituído, apropriado, vivido e representado a partir da essência da formação social (11)
visto como a consolidação da relação de trabalho e produção geradores das relações campo-cidade (2)

Uma analogia corrente e usada consideravelmente nos textos analisados é a feita entre Milton Santos e Claude Raffestin. Para Milton Santos, o espaço é formado pelas formas da paisagem mais a vida que as anima, formando um sistema complexo de estruturas que evolui constantemente.

Já Claude Raffestin entende o espaço como anterior ao território, algo dado, substrato para a atuação do homem, por meio do trabalho (energia e informação), transformando-o em território. São duas concepções opostas: para o primeiro autor, o espaço geográfico é construído socialmente e é a categoria principal da análise geográfica e, para o segundo, o território é definido a partir das relações de poder (econômicas, políticas e culturais) e é a principal categoria de interpretação do *real*. Noutra perspectiva, o espaço é compreendido como algo que é constituído e vivido a partir da essência da vida social; é percebido distintamente, juntamente com as representações singulares a cada grupo social.

Já nas concepções de território, há uma que se destaca bastante das demais (quadro n. 2), vinculada à uma abordagem ampla, híbrida-multidimensional, histórico-crítica, articulando as redes de circulação e comunicação, as relações de poder e a dominação-apropriação do espaço a partir dos processos sociais. Concepção relacionada diretamente à divulgação, a partir de 1983, da obra *Por uma geografia do poder*, de Claude Raffestin, no Brasil, abordagem revista e ampliada por autores brasileiros importantes, tais como, inicialmente, Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza e, mais recentemente, Marcos Saquet (quadro n.3).

As demais concepções que identificamos estão vinculadas ao entendimento do território relacionado: a) com processos de amplitude macro, como a formação do Estado-nação e as redes da globalização econômica; b) com dinâmicas de amplitude micro, ligadas à vida cotidiana, a elementos identitários e ao imaginário social; c) a processos de desenvolvimento sustentável numa abordagem espaço-temporal.

Quadro n. 2 - Concepções predominantes de território (número de ocorrências)

Como materialidade e imaterialidade (multidimensional), resultado das relações de poder, das redes, da apropriação e dominação do espaço (27)
Processo contínuo de intervenções da esfera política para acelerar, frear ou acompanhar os acontecimentos dos agentes privados; contém redes (6)
Dinâmico e dialético, resultado das ações de construção social, mediante as necessidades e interesses dos atores no lugar de vida (5)
Resultado das relações espaço-temporais e do desenvolvimento (4)

Detalhando nossa análise, percebemos que, na concepção predominante, o território é vinculado ao exercício do poder (do Estado, das empresas e de outras instituições) e à apropriação do espaço por meio de processos sociais materiais e imateriais, sobretudo pelo trabalho, pelas técnicas e pelas tecnologias, com base na abordagem feita por Claude Raffestin: o território é um espaço criado pelo homem através de suas territorialidades políticas, econômicas e culturais, bem como pelas redes de circulação e comunicação.

O território tem dois sentidos principais, um material e outro simbólico, em que o material se liga mais ao controle, à dominação, já o sentido simbólico refere-se a uma apropriação cultural e identitária. Ambos sentidos são históricos e imanentes à vida social de um grupo em um determinado lugar. Sociabilidade e (i)materialidade que caracterizam o território vinculado ao uso (i)material do espaço, mais definitivo ou temporário, a partir da atuação do Estado, por exemplo, ou de grupos de prostituição.

Uma ilustração desta concepção predominante é a compreensão do território como uma fração do espaço apropriada socialmente, estabelecendo-se relações multiescalares e multidimensionais (políticas, econômicas, culturais e ambientais). Há, aí, poder, influência, controle, domínio, totalidade, conflitualidades e movimento no território.

Na concepção humanística, o território é entendido como espaço vivido, dinâmico e dialético representado distintamente conforme cada relação espaço-tempo; o território é o resultado das ações de construção social, da memória e do imaginário, mediante as necessidades e interesses de seus atores gerando, no indivíduo, o sentimento de pertencimento e poder. O território corresponde a um lugar onde o homem constrói sua história a partir das manifestações de sua existência.

De maneira geral, o território é resultado e condição dos processos sociais e, a territorialidade, ora é compreendida como delimitação e apropriação ora como relações sociais, sobretudo a partir das abordagens de Claude Raffestin, Rogério Haesbaert, Marcelo Lopes de Souza e Marcos Saquet.

Há vários autores dos textos analisados que utilizam aspectos da abordagem de Milton Santos, especialmente sobre o território entendido a partir da atuação do Estado, da noção de configuração, das normas e do uso do espaço. Normalmente, confundem-se, nos textos que escolhemos para análise, as concepções de Claude Raffestin e Milton Santos, embora seja bem conhecido, no Brasil, que são distintas em vários aspectos, principalmente com relação ao território e ao espaço geográfico.

Quadro n. 3 - Principais referências utilizadas pelos autores dos textos analisados para trabalhar o conceito de território e/ou a noção de territorialidade (número de ocorrências)

Referências	Número de ocorrências no total de textos (42)
Claude Raffestin	24
Manuel Correa de Andrade	4
Milton Santos	24
Maria Laura Silveira	3
Maria Adélia de Sousa	1
Eliseu Saverio Sposito	2
Rogério Haesbaert	25
Marcos Aurélio Saquet	19
Edima Aranha Silva	1
Doreen Massey	2
Marcelo José Lopes de Souza	10
Bernardo Mançano Fernandes	2
Berta Becker	1
Henri Lefebvre	3
Michel Foucault	2
Felix Guattari	1
Robert Sack	2
Paul Claval	1
Álvaro Heidrich	1

Com relação às referências utilizadas sobre o território e/ou a territorialidade, há uma variedade significativa de autores (19) de diferentes países (Suíça, França, Grã-Bretanha e EUA), com destaque ao Brasil, no entanto, alguns são evidenciados, conforme já deixamos transparecer e mostramos no gráfico n. 1.

Conforme descrevemos em Saquet (2007), Claude Raffestin elabora uma explicação da *realidade material*, entendendo que o objeto de estudo da geografia é formado pelas relações sociais, efetivadas entre os sujeitos e o ambiente, ou seja, as relações que se concretizam no território e significam territorialidades. O território é objetivado por relações sociais, de poder e dominação, o que implica a cristalização de territorialidades no espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas. Isso assenta-se na construção de malhas, nós e redes, delimitando *campos* de ações, de poder, nas práticas espaciais e constituindo o território, como materialidade.

Rogério Haesbaert faz uma discussão teórico-metodológica e ontológica centrada na reterritorialização a partir de fatores políticos e culturais, incorporando mais recentemente uma preocupação mais sistemática com a natureza. Para Haesbaert (1997 e 2004), o território tem um domínio politicamente estruturado e uma apropriação simbólico-identitária, determinados por ações de certos grupos sociais sobre o espaço de vida. O conceito de território é trabalhado a partir do de espaço produzido, elaborado por Henri Lefebvre, como produto socioespacial, de relações concretas e simbólicas, articuladas aos interesses econômicos e políticos que potencializam os símbolos e as representações sociais em favor do controle e da acumulação.

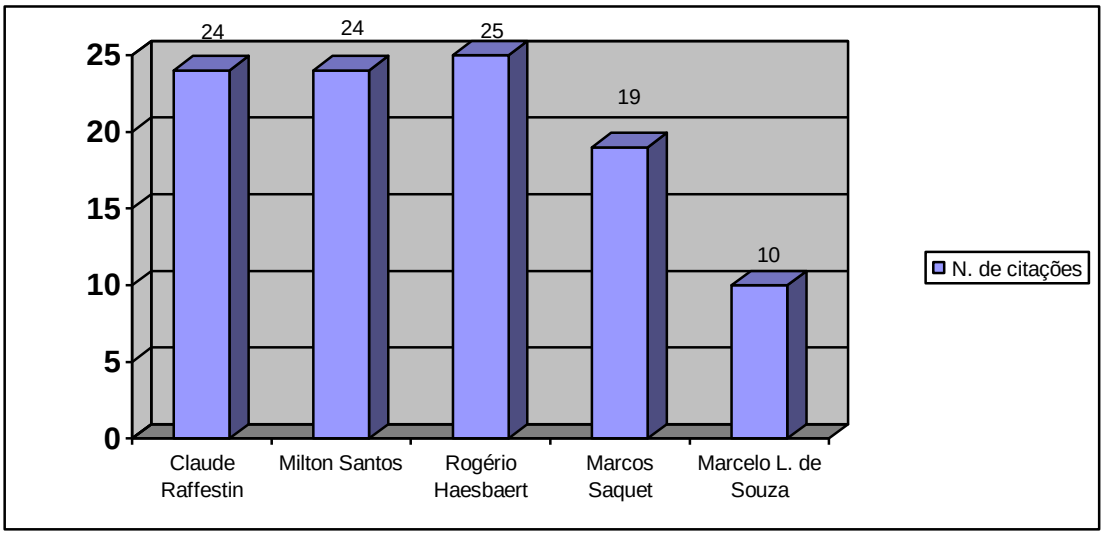

Gráfico n. 1 – Autores mais citados nos textos analisados no que diz respeito ao território e à territorialidade (número de ocorrências).

Marcelo Lopes de Souza (1995 e 2001), considera o movimento, as redes e as relações de poder no processo de dominação social. O território significa a materialidade que *sustenta a vida*, determina as práticas espaciais e influencia os processos identificatórios; um campo de forças, relações de poder que se projetam sobre um *substrato espacial*; são processos sociais que envolvem o imaginário, conflitos políticos, o controle do espaço e identitarismos. Sua concepção tem um caráter político forte, em favor da conquista da autonomia.

Marcos Saquet (2004 e 2007) efetiva uma discussão teórico-metodológica, destacando a produção do território sob as forças econômicas,

políticas e culturais, a importância da natureza e a abordagem territorial como um *caminho* para se elaborar e atuar em projetos de desenvolvimento local. A apropriação e a produção do território é econômica, política e cultural, a um só tempo. O território é resultado e determinante desta unidade, inscrevendo-se num *campo de forças*, de relações socioespaciais. O território é produto e condição da territorialização. Os territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas. As territorialidades são, simultaneamente, resultado, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território.

Sob forte influência da concepção elaborada por Claude Raffestin, o território é entendido, de maneira geral, como o resultado histórico e social, isto é, do trabalho realizado no espaço, aonde há relações de poder e edificações. Assim, o território é material e imaterial formando uma totalidade multidimensional e multiescalar, no qual há inúmeros interesses, que não são meramente políticos e econômicos, mas envolvem necessidades culturais e ambientais. Dito de outra maneira, o território é entendido como o quadro de vida que permite aos grupos e sujeitos a (re)produção da própria existência através do controle do espaço, das pessoas e dos fenômenos pertinentes a cada situação vivida por estes.

Considerações finais

De maneira geral, notamos o predomínio de duas vertentes críticas de geografia, uma com base em aspectos do materialismo histórico e dialético e, outra, da fenomenologia. Na primeira, há destaque para a processualidade histórica, juntamente com os conceitos de espaço e território, bem como para os aspectos econômicos e políticos compreendidos de maneira multidimensional. Na segunda, evidenciam-se as dinâmicas culturais, também utilizando os conceitos de espaço e território, muitas vezes, conjugados ao de lugar. O destaque é para os elementos culturais, identitários, para a memória e o imaginário.

Outro aspecto que nos chamou a atenção é o fato de, em vários textos, não haver alusão clara à abordagem que se quer fazer, tampouco aos

conceitos utilizados. Parece que há, em parte dos textos, uma desconsideração do caráter teórico-metodológico sempre importante na produção do conhecimento e do pensamento. Nos textos em que identificamos as concepções, há o predomínio do conceito de território, revelando uma tendência significativa da geografia brasileira atual, ou seja, de utilização mais intensa do território em detrimento de outros conceitos, sobretudo do de espaço e do de região, este último muito pouco utilizado nos textos analisados.

Identificamos, também, outras tendências: a) o destaque para concepções híbridas ou multidimensionais, evidenciando-se a existências de territorialidades econômicas, políticas e culturais, e de territórios plurais, justamente em virtude da tentativa de apreender aspectos da multidimensionalidade e da tentativa de superação de concepções, por exemplo, economicistas; b) a evidência dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização historicamente constituídos (TDR); c) a correlação da problemática territorial com processos de desenvolvimento, sobretudo local, estudando-se elementos e processos de específicos do *real*, bem como políticas públicas vinculadas a dinâmicas de desenvolvimento local.

Referências:

CLAVAL, Paul. *Evolución de la geografia humana*. Barcelona: Oiko-Tao, 1974.

DEMATTEIS, Giuseppe. “Rivoluzione quantitativa” e nuova geografia. *Lab. di Geografia Economica*, n. 5, Università degli Studi di Torino, Torino, 1970.

DEMATTEIS, Giuseppe. *Le metafore della terra*. La geografia umana tra mito e scienza. Milano: Feltrinelli, 1985.

DEMATTEIS, Giuseppe. *Progetto implicito*. Il contributo della geografia umana alle scienze del territorio. Milano: Franco Angeli, 1995.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade*: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói, RJ: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. RJ: Bertrand Brasil, 2004.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia*. SP: Contexto, 2007.

QUAINI, Massimo. Costruire ‘geostorie’ – un programma di ricerca per i giovani geografi, *Geostorie*, anno 11, n.1, 2003, Roma, p.3-15.

QUAINI, Massimo. Paesaggio, ambiente e geografia. Una vita per una geografia attiva. *Giornata di studi in memoria di Giuseppe Barbieri*, Firenze, 2005.

SAQUET, Marcos. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: SAQUET, Marcos; SPOSITO, Eliseu e RIBAS, Alexandre. *Território e*

desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão/PR: UNIOESTE, 2004. p.121-147.
SAQUET, Marcos. *Abordagens e concepções de território*. SP: Expressão Popular, 2007.
SOUZA, Marcelo L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Et. Al. (Orgs.). *Geografia*: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.
SOUZA, Marcelo L. de. Território do outro, problemática do mesmo? O princípio da autonomia e a superação da dicotomia universalismo ético *versus* relativismo cultural. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p.145-176.
VAGAGGINI, V. e DEMATTEIS, G. *I metodi analitici della geografia*. Firenze: La Nuova Italia, 1976.